

# Eugénio de Andrade – As palavras interditas

Os navios existem, e existe o teu rosto  
encostado ao rosto dos navios.

Sem nenhum destino flutuam nas cidades,  
partem no vento, regressam nos rios.

Na areia branca, onde o tempo começa,  
uma criança passa de costas para o mar.  
Anoitece. Não há dúvida, anoitece.  
É preciso partir, é preciso ficar.

Os hospitais cobrem-se de cinza.  
Ondas de sombra quebram nas esquinas.  
Amo-te... E entram pela janela  
as primeiras luzes das colinas.

As palavras que te envio são interditas  
até, meu amor, pelo halo das searas;  
se alguma regressasse, nem já reconhecia  
o teu nome nas suas curvas claras.

Dói-me esta água, este ar que se respira,  
dói-me esta solidão de pedra escura,  
estas mãos noturnas onde aperto  
os meus dias quebrados na cintura.

E a noite cresce apaixonadamente.  
Nas suas margens nuas, desoladas,  
cada homem tem apenas para dar  
um horizonte de cidades bombardeadas.

**Eugénio de Andrade, Poesias**